

## MUSEU DA ARTE E CULTURA INDÍGENA: UMA PROPOSTA ARQUITETÔNICA PARA IPUAÇU (SC) - BRASIL

Rogério Antônio Carneiro\*

Anderson Saccol Ferreira\*\*

### Resumo

O artigo refere-se a uma proposta para implantação de um Museu da Arte e Cultura Indígena (MACI), com caráter de anteprojeto arquitetônico, para a cidade de Ipuacu (SC). O objetivo desta pesquisa está em desenvolver uma proposta arquitetônica que possa fomentar a cultura indígena, por meio de um espaço físico museológico, que integre a etnia de forma mais branda na sociedade, afim de quebrar o paradigma ideológico em relação a esse povo. Como procedimento metodológico adotamos a pesquisa documental e o estudo de caso que proporcionou o embasamento teórico para elaboração do estudo. Como resultados obtivemos uma proposta arquitetônica contemporânea com conceito arquitetônico que valorize o espaço da cultura local e da etnia genuinamente brasileira.

Palavras-chave: Museu. Índio. Kaingang. Ipuacu.

### 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada buscou embasamento teórico para o desenvolvimento do anteprojeto arquitetônico de um Museu de arte cultura indígena, para a cidade de Ipuacu (SC), região Oeste de Santa Catarina, haja vista que este município apresenta uma grande concentração de habitantes indígenas e não possui um espaço físico adequado para preservação e contemplação da peculiar cultura presente na região de implantação do projeto.

O objetivo desta pesquisa está em desenvolver uma proposta arquitetônica que possa fomentar a cultura indígena, por meio de um espaço físico museológico, integrando a etnia indígena com a sociedade.

Como método de pesquisa utilizou o levantamento bibliográfico onde obteve a conceituação do anteprojeto arquitetônico, como o regionalismo aplicado aos materiais construtivos e questões socioculturais. Também utilizou a visita in loco, que propiciou analisar o funcionamento de um museu e a plasticidade inserida nesta tipologia de edificação.

Como resultado buscou-se abordar os como a essência mais pura quando se trata de brasilidade, vistos como ponto inicial da formação do povo e da cultura brasileira. Dessa forma, o Museu de arte e cultura indígena, entra como agente transformador e espaço de resgate e valorização cultural. Uma edificação construída de tijolos e concreto, mas formada por conceitos, crenças e mitos indígenas. O elemento ao mesmo tempo contemporâneo, mas elaborado para guardar o passado e preservar o futuro.

Destaca-se que os museus são acervos da memória da humanidade, espaços capazes de abrigar não somente obras, mas transcenderem a grandiosidade da alma de um povo, de um artista. Espaços museológicos são necessários para a apreciação mais ampla do mundo, da diversidade cultural, de forma geral para a formação pessoal e intelectual, conceitos estes aplicados ao projeto de arquitetura.

O artigo estrutura-se em duas etapas, a primeira refere-se a fundamentação teórica, a segunda sobre os resultados obtidos no projeto de arquitetura finalizando com a conclusão da pesquisa.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 O POVO KAINGANG E A TERRA INDÍGENA XAPECÓ**

A terra indígena "Xapecó", tem essa denominação pela sua localização entre os rios "Xapecó" e Chapecozinho, situando-se entre os

municípios de Ipuacu (SC) e Entre Rios (SC), no Oeste catarinense. Esta região é atendida pela administração regional da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) de Chapecó (SC). A designação Kaingang foi introduzida na literatura por Telêmaco Borba em 1882, referindo-se aos não guarani dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (NÖTZOLD, 2004).

A ocupação dessa região ocorre pelo fato da existência farta de alimentos proporcionados pela mata de araucárias. De acordo com Nötzold e Silva (2006, p. 9), "os Kaingang vivem hoje em uma faixa de terra correspondente ao território que seus antepassados ocupavam [...], no passado os Kaingang eram um grupo indígena que possuía uma mobilidade dentro de um território determinado, [...] com a disponibilidade de alimento em cada região."

Segundo Weber e Henriques (1999, p.15), "os Kaingang que residem na terra indígena Xaçecó eram conhecidos pelas denominações Corodado, devido ao corte de cabelo, semelhante aos dos padres franciscanos, e Bugre, Shokleng, Botocudo ou Guayaná." Devido a colonização da região, houve um aldeamento forçado dos kaingang, visando assim liberar as terras para a colonização, estas terras que antes pertenciam aos índios passam a ser ocupadas pelos colonos.

De acordo com D'Angelis, (1948, p. 54), "no século XX, esses índios sofreram as consequências da política de colonização, principalmente com a chegada de italianos e alemães vindos do Rio Grande do Sul, o que percebemos então no oeste catarinense é a exclusão de suas terras para a entrada desses imigrantes e descendentes, incentivados por companhias colonizadoras que negociavam títulos de terras pertencentes aos índios."

A exploração madeireira tornou-se muito forte também nessa época, acompanhando uma política considerada progressista do governo Juscelino Kubitschek, tendo como consequência a dizimação de boa parte da mata de araucárias que cobre a região. (D'AGELIS, 1948).

O contato com o povo não indígena teve reflexo na sucinta perda cultural do povo Kaingang. Esse fato ocorreu "devido ao intenso contato



com o não índio, muito alterou-se do modo de vida tradicional kaingang, passando de um regime de subsistência baseado na caça, coleta e agricultura, para uma exploração econômica na mão de obra indígena na agricultura, principalmente com a chegada do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) em 1941 [...]" (NÖTZOLD, 2004).

O SPI, foi na verdade um órgão criado para o favorecimento da expansão colonial, e que este mais prejudicou do que valorizou o povo indígena (NÖTZOLD, 2004). Conforme Moonen (2008, p. 9), "ao longo dos anos os kaingang tiveram seu território drasticamente reduzido, além da perda de suas terras, as políticas oficiais também atentaram contra a cultura desses indígenas, como foi o caso da proibição da língua kaingang nos tempos do Serviço de Proteção ao Índio, SPI, [...] essas políticas supunham que dentro de alguns anos os indígenas estariam completamente integrados à sociedade nacional, e deixariam de ser um povo culturalmente diferenciado."

Na atualidade os indígenas trabalham nas lavouras tanto internas quanto externas da reserva ou nos abatedouros que se instalaram no município de Ipuçu (SC). O artesanato, que antes tinha um caráter utilitário e ritualístico tornou-se também uma fonte de renda para as famílias Kaingang.

## 2.2 PRODUÇÃO DA CULTURA MATERIAL

A cultura material tornou-se muito importante para as sociedades indígenas, dado a relevância de que nela consta a identidade e o simbolismo da etnia e da comunidade. Destacamos que o artesanato tem "[...] seu valor absoluto, testemunhar a vida, dar peso, importância, felicidades ao cotidiano, seja pela eficácia mágica atribuída aos objetos rituais e de adorno, seja pela própria utilidade intrínseca das peças destinadas à facilitação do existir." (RIBEIRO, 1983).

Os objetos indígenas são compreendidos como artesanato, quando feitos em miniatura e destinados à venda. Antigamente, tanto para os

Kaingangs como para as demais etnias, os objetos eram voltados para o grupo que os confeccionava, com sentido utilitário, como por exemplo, o cesto, produzido pelas mulheres, que desde meninas aprendiam a arte do trançado(D'AGELIS, 1948). Esse recipiente servia para carregar alimentos, pequenos animais obtidos nas caçadas ou na colheita do pinhão, seu principal alimento, quando utilizavam cestos carregadores, nas costas (NÖTZOLD et al., 2005). A cestaria é formada por um conjunto de objetos, como os cestos usados para diversos fins relacionados ao uso doméstico, mas também podem ser utilizados em outras atividades(D'AGELIS, 1948). Os cestos ou balaios são confeccionados em diversas formas e tamanhos, apresentado decoração ou não.

Atualmente, as cores com que são tingidos e trançados os objetos Kaingang não têm simbolismo algum. Os atuais trançados Kaingang são, na maioria das vezes, quadriculados ou sarjados, intercalando as talas tingidas de anilina com a natural, e esses trançados possuem nomes como, zigue-zague, triângulos e quadrados vazados (NÖTZOLD et al., 2005). Os balaios são feitos de taquara ou taquaruçu. A taquara é corta no mato, ainda verde, é raspada a camada externa, e depois são feitas tiras que devem ser secas ao sol, para posteriormente a produção das cestarias, dessa forma, a taquara tornou-se muito importante para a cultura Kaingang (D'AGELIS, 1948).

Antigamente, a cerâmica indígena estava presente em quase todas as etnias, especialmente no uso doméstico. Para a fabricação desses objetos, a argila é a matéria-prima básica e era necessário buscá-la às margens dos rios, que, às vezes, poderia ficar longe da aldeia (NÖTZOLD et al., 2005). Os instrumentos musicais fabricados pelos índios fazem parte das danças e rituais. Atualmente esses são utilizados em apresentações ou cerimônias especiais como o cocar, o chocalho ou maracá. (NÖTZOLD et al., 2005, p. 45).

Percebe-se que o artesanato, que antes tinha um caráter utilitário e ritualístico, tornou-se também uma fonte de renda para as famílias Kaingangs que atualmente é vendido, nos centros urbanos próximos à terra

indígena(D'AGELIS, 1948). A confecção de artesanatos para a comercialização possui pontos positivos como a possibilidade de divulgação da cultura indígena, a autovalorização étnica como sinal de autonomia a ser reconquistada e suporte financeiro. Como pontos negativos, podemos salienta a confecção em série de objetos ritualísticos e de uso cotidiano e, conseqüentemente uma menor qualidade do objeto final.

### 2.3 A RELAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COM O ACERVO MUSEOLÓGICO

Em regiões mais afastadas do rio Uruguai, entre 2001 e 2003, foram realizadas as pesquisas arqueológicas no Projeto de Resgate Arqueológico na Área Diretamente Afetada da UHE Quebra-Queixo (SC) e no levantamento arqueológico na faixa de servidão da linha de transmissão 138 Quebra-Queixo-Pinhalzinho (SC) (CALDARELLI, 2003).

Na primeira etapa do projeto, foram feitos estudos nos municípios de Ipuçu (SC) e São Domingos (SC) e na segunda etapa foram pesquisados os municípios de Pinhalzinho (SC), União do Oeste (SC), Quilombo (SC), Marema (SC), Entre Rios (SC), Ipuçu (SC) e São Domingos (SC), onde evidenciou o sítios da tradição Taquara (CALDARELLI, 2003).

No caso das pesquisas arqueológicas realizadas na área da UHE Quebra-Queixo, dos 33 sítios arqueológicos, quatro são do tipo estrutura escavada e os demais litocerâmicos a céu aberto, que provavelmente estão associados às estruturas escavadas, conforme comprovaram estudos laboratoriais (CALDARELLI, 2003). No caso do material cerâmico, as formas encontradas, a partir da reconstrução das vasilhas, evidenciaram a finalidade com a tradição taquara (CALDARELLI, 2003).

Enquanto a indústria lítica coletada nos sítios a céu aberto mostra preferência em utilizar como matéria prima a rochas clásticas, riodacito, basaltos e calcedônia, nas estruturas escavadas a matéria prima mais empregada é o quartzo (CARBONERA; SCHMITZ, 2011, p.54).



Todos os materiais encontrados nos sítios arqueológicos da cidade de Ipuacu (SC) foram dirigidos ao CEOM de Chapecó, onde estão guardados para estudos ou parcialmente expostos ao público.

#### 2.4 O ÍNDIO KAINGANG E OS DESAFIOS ATUAIS

A partir do relato de Kresó (2015), da terra indígena Xaçpecó, percebe-se o quão grande é o anseio por uma atitude para fortalecer a cultura indígena não somente do povo Kaingang, mas de toda sociedade, "hoje é bem diferente do passado, a vida é diferente. A questão da cultura muito se perdeu, desde a língua indígena à floresta. A vida mudou o próprio sistema de produção. A sabedoria se perdeu junto com os índios mais velhos. Há um individualismo, o abandono dos sábios, os próprios índios não valorizam o artesanato, precisa de um projeto para isso.

A língua Kaingang até os anos 1970 era só oral, hoje ela morre com os mais sábios. A festa do Kiki acabou em 1999, porque eram só os mais velhos que rezavam os cânticos. Os índios são um povo diferente, a integração dele na sociedade civil foi muito massacrante, o sistema fez ele perder sua identidade cultural, foi uma domesticação do povo indígena. Mas manter o índio isolado não adianta, os povos indígenas estão vivos, estão por aí, de ponta a ponta do nosso Brasil." (KRESÓ, 2015).

Não obstante as modificações que vem sofrendo a cultura Kaingang ao longo dos tempos, podemos percebê-la de maneira bastante viva em nossos dias, seja por meio do trançado de seus artesanatos, de alguns hábitos alimentares, de um entendimento de mundo diferenciado, cuja tônica não é posta no ter, mas no ser, na atenção dada ao mais velhos, chamados troncos velhos, na preservação de sua língua materna e de suas tradições (NÖTZOLD; SILVA, 2006).

Assim, a cultura Kaingang pode ser vista por diferentes aspectos, um deles o material, como no caso das cestarias que produzem, e outro imaterial, que podem ser vistos da mesma maneira que os primeiros, entretanto pode ser sentido. Esses últimos elementos são aqueles que

definem os contornos do que é ser Kaingang, embora esses traços não sejam tão perceptíveis aos nossos olhos, são eles que dão coesão ao grupo (NÖTZOLD; SILVA, 2006).

As histórias passadas dos mais velhos aos mais novos, as tradições, os costumes e mitos, ajudam a fornecer a esses indígenas um sentimento de pertença, pois a medida em que se compartilham experiências, uma história comum é escrita. Conhecer o passado de seu povo, na diversidade de sua cultura e na riqueza de seus mitos fez com que os Kaingang não desaparecessem como povo diferenciado (NÖTZOLD; SILVA, 2006, p. 9).

Desta forma preservar o passado indígena, repassá-lo as novas gerações, é garantir o conhecimento em relação à esse povo e projetar um futuro com reinserção cultural do Kaingang como figura importante a sociedade do Oeste Catarinense.

## 2.5 O MUSEU E DEFINIÇÕES

A concepção de museu tem evoluído lado a lado com a sociedade. Desde a sua criação em 1946, o International Council of Museums (ICOM) atualiza esta definição, de acordo com as realidades da comunidade global de museus. Segundo o Estatutos do ICOM (2007), "um museu é uma instituição sem fins lucrativos, instituição permanente a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e seu meio ambiente para fins de educação, estudo e diversão."

O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2015) definem que, "o museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha."

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAM, 2015) define que, "o museu é uma instituição com personalidade jurídica



própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberto ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento [...].”

Dessa forma, um espaço museológico mantém uma relação sociocultural, onde o ambiente físico tem um papel relevante para abrigar as diferentes tipologias em exposição. Percebemos também que, por meio, dos avanços tecnológicos a concepção e conceitos de museu vêm mudando de tempos em tempos e essas definições referenciadas ganham mais e novos significados. Para entender melhor estas definições demonstramos na Tabela 1 os significados dos museus conforme seu uso.

Destacamos que um museu pode adquirir um conceito e uma nomenclatura dependente da tipologia de seu acervo, ou até mesmo conter boa parte destas coleções, sem ter correlção com o seu nome, como ocorre no museu Oscar Niemeyer de Curitiba (PR).

## 2.6 MUSEU COMO TURISMO

Na imaginação do turista o museu ocupa lugar especial, pois é nele que se encontra, de modo muito particular, boa parte do conhecimento buscado no curso de uma viagem. Os museus atraem os visitantes locais, bem como, atenção e o interesse de quem chega a uma cidade e logo quer mergulhar na sua vida cultural e descobrir os atrativos que oferece (MUSEUS E TURISMO,2014).

A existência de um museu diferenciado torna-se reflexo da cidade onde está inserido resultando na valorização cultural do município. Contudo, é necessário atrativos para o bom funcionamento e alcance dos objetivos de um museu.O grau de atratividade do museu depende do que ele tem a oferecer como espaço de lazer, cultura e entretenimento, bem como, a facilidade de acesso.

Os museus são, atrativos potenciais do turismo, e para fazer com que um maior número de visitantes se sinta atraído por eles, é preciso que atendam às suas necessidades e motivações em outras palavras, devem se preparar para a atividade turística (MUSEUS E TURISMO,2014).

Como polo de atração turística, o museu é capaz de construir e divulgar uma imagem nacional e internacional, e, em algumas vezes tornar-se “marca”, como é o caso do Guggenheim e do Louvre, que abriram outras unidades fora de seus países de origem. Em âmbito local, atuando como agentes de desenvolvimento, eles promovem a revitalização dos espaços urbanos, dinamização da economia local, além de gerar emprego e renda direta e indiretamente (MUSEUS E TURISMO,2014).

Assim a implantação de um espaço cultural como o que propomos deve levar em consideração vários fatores, entre eles uma boa localização e facilidade em serviços de saúde e hotelaria. O sucesso deste ocorre quando a edificação não é somente constituída por concreto mas idealizada como elemento de expressão cultural, conceito e partido arquitetônico.

## 2.7 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos através da realização do anteprojeto foi de que a implantação do Museu de Arte e Cultura Indígena (MACI), vinha de encontro as necessidades locais de fomentação da cultura indígena e resgate da sua identidade cultural. A concepção deste projeto, carregou a finalidade educativa e cultural, não somente à etnia Kaingang, tão presente no município de Ipuçu (SC), mas a sociedade em geral, que poderá usufruir da totalidade do espaço museológico.

Ao longo do desenvolvimento do anteprojeto de arquitetura, a principal dificuldade encontrada foi disposição dos ambientes em uma única edificação no vasto terreno, deste modo optoumos na disposição em blocos, o educacional, o museu e auditório para melhor aproveitamento da área escolhida para a implantação. A Imagem 1 ilustra a disposição em blocos.

O museu foi concebido respeitado a diversidade do povo em estudo, no qual, buscamos a valorização da cultura por meio de espaços diferenciados, tornando-se o reflexo edificado de toda sua produção cultural. A obra resultante, reflete por espaços de exposição amplos,

acessíveis de maneira que houvesse a interação com o público, contendo iluminação e ventilação adequadas para a preservação e conservação do seu acervo. Ambientes de lazer como café, e jardim sensorial tiveram um tratamento especial, tendo em vista que estes espaços poderiam maximizar a qualidade do museu, resultando na atração de mais visitantes na edificação.

A proposta do museu foi elaborada dentro de um programa de necessidades específico e baseado nos estudos de caso, qual possibilitaram a observação de diretrizes relacionadas a organização espacial, dimensionamento, funcionalidade e outros fatores relevantes, resultando na concepção espacial do museu que pode ser observada na Imagem 2 a 5.

Tornou-se preponderante o estudo para a concepção de um edifício com esta tipologia no pequeno município de Ipuacu (SC), pela etnia nele existente. Um museu de arte e cultura indígena munido com diversidade de ambientes, interação com o público e entorno, como agente da promoção cultural, formação intelectual e social da comunidade.

### 3 CONCLUSÃO

Museus como equipamentos socioculturais são fundamentais para a formação humana, pois demonstram uma visão diferenciada do mundo e instrumentalizam as transformações por meio das experiências proporcionadas pelos seus espaços.

Destacamos que a pesquisa atendeu o objetivo proposto, pois o projeto arquitetônico desenvolvido poderá fomentar a cultura indígena integrando com sociedade.

Obtivemos como constatação do estudo que a arquitetura pode carregar em seu projeto arquitetônico traços que remetam características e conceito da cultura indígena, trazendo à tona todo o abstrato dos valores étnicos e culturais reproduzidos de forma concreta em um projeto de arquitetura.



Como contribuição, o estudo pode por meio do projeto arquitetônico unir tecnologias de materiais e construção a cultura indígena, demonstrando os valores étnicos e culturais de um povo composto por uma narrativa histórica e sociocultural.

Consideramos que as principais limitações do estudo estão caracterizadas pelas poucas bibliográficas sobre edificações que tragam em seu conceito arquitetônico as formas de reproduzir a cultura indígena.

Recomenda-se para futuros estudos a ampliação da proposta arquitetônica para outros municípios de forma a fomentar a valorização da identidade étnica e cultural do povo indígena. Pois entendemos que a arquitetura deverá cumprir sua função social reproduzindo por meio do seu conceito arquitetônico formas de expressar os valores culturais de um povo.

## REFERÊNCIAS

CARBONERA, Mirian.; SCHMITZ, Pedro I. (Orgs.) Antes do oeste catarinense: arqueologia dos povos indígenas, Chapecó, Argos, 2011.

D' ANGELIS, W.R.; VEIGA, J. Para uma história do oeste catarinense. Cadernos de organização da Memória Sociocultural do Oeste de Santa Catarina - CEOM. Ano 4, n.6, nov/89, Chapecó.

D, ANGELIS, W. R.; Veiga, J. Habitação e acampamento Kaingang hoje e no passado. Mimeo. S/d. 2007.

D'AGELIS, WR. Toldo Chimbanguê- história e luta Kaingang em Santa Catarina. CIMI, 1984, p 54-55.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Guia dos museus brasileiros, Brasília: IBRAM, 2011. Disponível em: < [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb\\_extintos.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_extintos.pdf)> Acesso em: 17 maio 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museu e turismo, Brasília: IBRAM, 2011. Disponível em : [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/01/Museus\\_e\\_Turismo\\_Ibram2014.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/01/Museus_e_Turismo_Ibram2014.pdf)> Acesso em: 17 maio 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museu: o que é museu? Apresentação. Disponível em: < <http://www.museus.gov.br/os-museus/>> Acesso em: 17 maio 2015.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. The vision: Museum Definition. 21st General Conference. Viena 2007. Disponível em: < <http://icom.museum/Who-we-are/the-vision/museum-definition.html>>. Acesso em: 17 maio 2015.

KRESÓ, Pedro. Entrevista concedida a Rogério Antônio Carneiro. Terra Indígena Xaçecó, 02. Maio de 2015.

MOONEN, Frans. Povos indígenas no Brasil. Pdf, Recife, 2008.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. (org). O ciclo de vida Kaingáng. Florianópolis: Imprensa Universitária, UFSC, 2004.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe.; SILVA, Ninarosa Mozzato da. Ouvir memórias contar histórias: mitos e lendas Kaingáng. Santa Maria: Pallofi, 2006.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; SAVORO, Talita Daniel; SILVA Ninarosa Mozzato da; Artesanato Kaingang: entre usos e desusos da cultura material- Cadernos do CEOM - Ano 19, n. 24- Cultura Material , 2005

RIBEIRO, Berta Gleizer. O Índio na História do Brasil. São Paulo.Global, 1983.

WEBER, C. e HENRIQUES, K. N. R. Os Kaingang: Informe sobre os povos indígenas em Santa Catarina. Florianópolis: Copyflor Ed: 1999, P. 15.

Sobre o(s) autor(es)

\* Arquiteto e Urbanista formado pela Universidade do Oeste de Santa Catarina UNOESC 2015.rogerio\_antoniocarneiro@hotmail.com

\*\* Arquiteto e Urbanista, professor e coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNOESC Campus de Xanxerê, especialista em desenvolvimento regional e mestrando em administração. anderson.ferreira@unoesc.edu.br

Tabela 1 - Guia dos museus brasileiros



Antropologia e etnografia	Coleções relacionadas às diversas etnias, voltadas para o estudo antropológico e social das diferentes culturas como acervos folclóricos, artes e tradições populares, indígenas, afro-brasileiras, do homem americano, do homem do sertão.
Arqueologia	Coleções de bens culturais portadores de valor histórico ou artístico, procedente de escavações, prospecções e achados arqueológicos, como artefatos, monumentos, sambaquis.
Artes visuais	Coleções de pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, incluindo a produção relacionada à arte sacra. Nesta categoria também incluem-se as chamadas artes aplicadas, ou seja, as artes que são voltadas para a produção de objetos tais como: porcelana, cristais, prataria, mobiliário e tapeçaria.
Ciências naturais e história natural	Bens culturais relacionadas às ciências biológicas (biologia, botânica, genética, zoologia, ecologia, etc.), as geociências (geologia, mineralogia) e a oceanografia.
Ciência e tecnologia	Bens culturais representativos da evolução da história e da ciência e tecnologia.
História	Bens culturais que ilustram acontecimentos ou períodos da história.
Imagem e som	Documentos sonoros, videográficos, filmográficos e fotográficos. Virtual: bens culturais que se apresentam mediados pela tecnologia de interação cibernética(internet).

Fonte: GUIA DOS MUSEUS BRASILEIROS, (2011, p.19-20.)

Imagem 1-Disposição dos blocos respectivamente: educacional, museu e auditório



Fonte: Rogério Antônio Carneiro (2015)

Imagem 2 - Vista parcial do museu.





Fonte: Rogério Antônio Carneiro (2015)

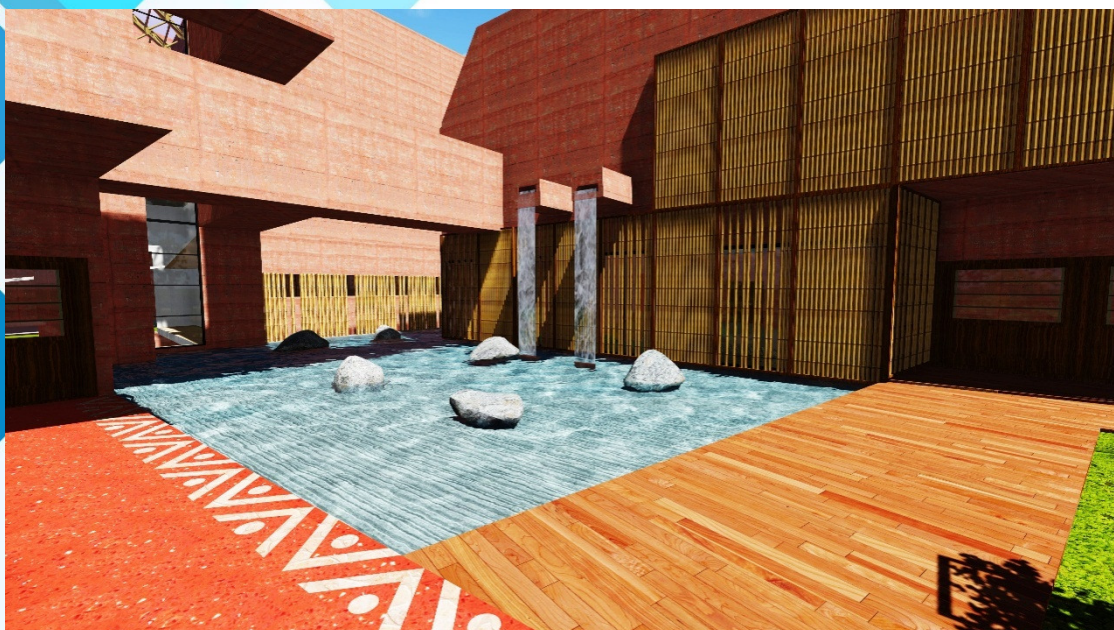
Imagem 3 - Vista parcial do museu.



Fonte: Rogério Antônio Carneiro (2015)

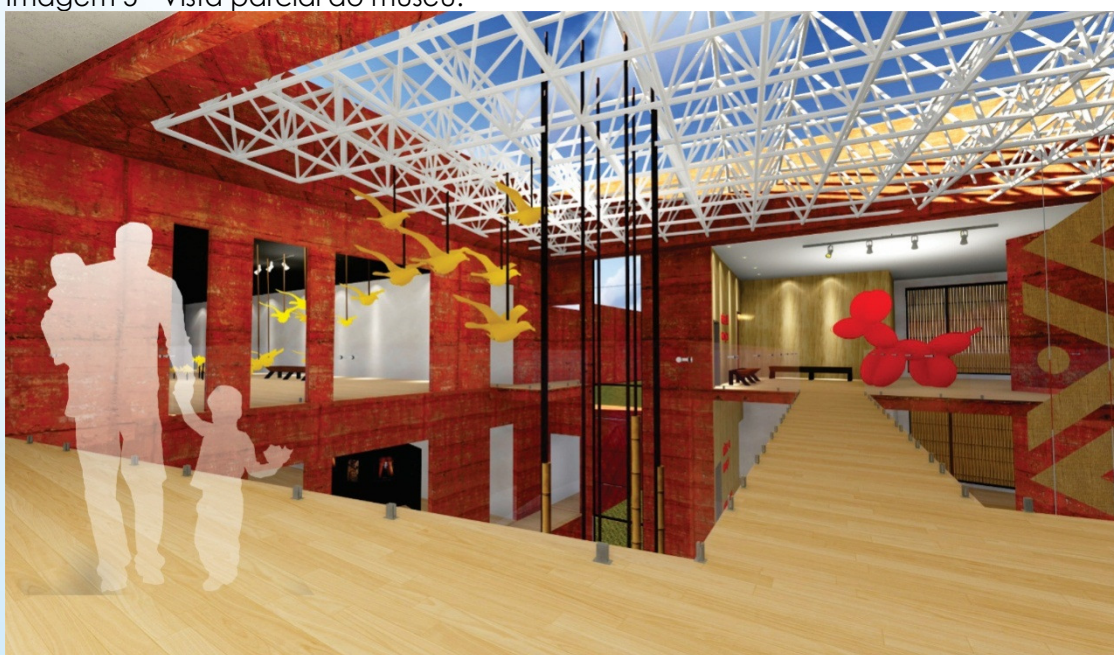
Imagem 4 - Vista parcial do museu.





Fonte: Rogério Antônio Carneiro (2015)

Imagem 5 - Vista parcial do museu.



Fonte: Rogério Antônio Carneiro (2015)